

Editorial

A CULPA DO ESTADO

A mamografia era para ser um direito de todas as mulheres com idade entre 50 e 69 anos, mas no Brasil tentar fazer o exame constitui uma grande frustração. É inacreditável que o Distrito Federal, entre todas as unidades da Federação, seja o pior lugar do país para se fazer a mamografia. Apenas 1,7% das mulheres nessa faixa etária conseguiram fazer o exame pelo SUS em 2015. A rede pública de Brasília tem 12 mamógrafos, sendo que somente nove estavam em funcionamento. No entanto, 5.000 mulheres estavam na fila, à espera de uma data para o procedimento. O quadro é ruim em todo o país, sem exceção. A OMS recomenda que a cobertura deve atingir 70% dessa população. No entanto, a média brasileira foi de apenas 24,4% em 2015. A melhor situação foi a de Minas Gerais, com 44,9%, que caiu para 39,8% em 2016.

O problema não é só falta do equipamento, que custa entre R\$ 400 mil e R\$ 500 mil e não precisa estar em todas as cidades. Muitos estão quebrados, mas faltam também técnicos e médicos, além de um sistema eficiente de deslocamento da paciente para onde há o serviço.

A mamografia permite diagnosticar o câncer de mama logo no início. Deveria, por isso, ser um exame de fácil acesso na rede pública, pois trabalha com a prevenção da doença. Não é admissível, portanto, que esse exame demore meses, como acontece com frequência.

Sobretudo porque as mulheres nessa faixa etária têm de fazê-lo de dois em dois anos. Em outros países, há programas de rastreamento, em que as mulheres são convocadas a fazer, periodicamente, a mamografia, a fim de identificar os tumores que ainda não são palpáveis.

O Brasil tem 58 mil casos de câncer de mama por ano. Quanto menor o tumor, mais chances de um tratamento menos mutilante e mais bem-sucedido. Quanto menos investimentos em mamografias, mais mortes. Daí a importância de aumentar o número desses exames.

Com tudo isso, alguns Estados ainda põem a culpa na inconsciência das mulheres.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolli
PRESIDENTE Laura Mediolli
VICE-PRESIDENTE Marina Mediolli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Milton Luiz (interino)
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

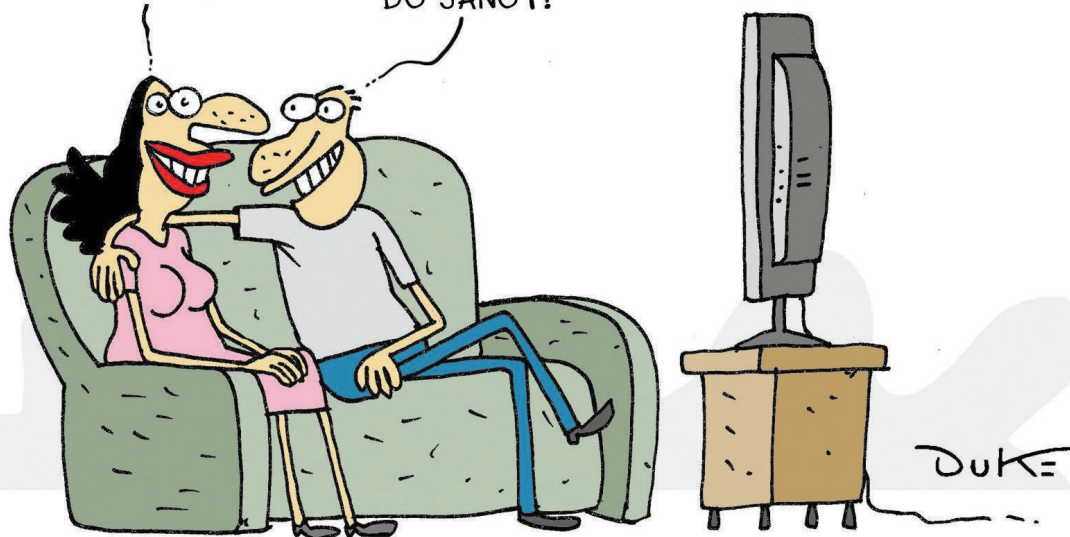
O.PINIÃO

Duke

www.dukechargista.com.br

GOSTO DE FILME DE TERROR. TEM EXPECTATIVA, MEDO, SUSPENSE, SUSTO... MAS A GENTE SABE QUE, NA VERDADE, É ENCENAÇÃO!

AH, SEI, É TIPO A LISTA DO JANOT!



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Continua a luta por um mundo de igualdade contra todas as opressões

Mas ainda há atropelos machistas e misóginos cercand-nos

A greve geral das mulheres no 8 de Março passado, com a adesão de mais de 60 países, incluindo o Brasil, onde ocorreu mais de uma centena de manifestações, nos dá muitas esperanças na força e no poder do internacionalismo feminista, apesar dos atropelos machistas e misóginos que nos cercaram na data em nosso país.

Um deles, o goleiro Bruno, condenado por feminicídio, em 2010, a 22 anos e três meses de prisão, foi solto! "Tirou" apenas seis anos e sete meses de cadeia! Ele recorreu da sentença, e sua condenação virou prisão preventiva, pois o recurso não foi julgado até a data da soltura, 24.2.2017. Todo pimpão, declarou à TV Globo Minas: "Independente do tempo que eu fiquei também, eu queria deixar bem claro, se eu ficasse lá, se tivesse prisão perpétua, por exemplo, no Brasil... não ia trazer a vítima de volta".

Como se cadeia fosse para ressuscitar quem os assassinos mataram! É um assassino tirando onda de filósofo! Em 10 de março, ele foi contratado pelo Boa Esporte, de Varginha (MG), a cidade dos ETs. Faz sentido. É um escárnio, acobertado pela lei. É a segunda vez que o Estado acaricia o criminoso goleiro: Eliza Samudio foi assassinada porque o Estado brasileiro, quando instado por ela a proteger sua vida, se omitiu: não compareceu para dar limites ao agressor, acariciando assim a onipotência dele.

Há quase três anos não moro em BH, todavia, na tarde de 7 de março, fui "achada" por uma defensora pública de Uberlândia (MG), que conduz um caso de gravidez pós-estupro

e pedia socorro porque não encontrara nas "muitas Minas" quem realizasse o aborto! Conforme relato da defensora pública: "Uma moça de 20 anos está grávida após estupro. Desde então, vem em peregrinação por hospitais da rede pública, para se submeter ao procedimento de interrupção da gravidez, e todos se recusaram."

Ela chegou a ser encaminhada para um hospital em BH, mas foi negado o atendimento porque supostamente este seria atribuição do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, que,

Eliza Samudio foi assassinada porque o Estado, quando instado por ela a proteger sua vida, se omitiu: não compareceu para dar limites ao agressor

por sua vez, já informou que não o faz".

A valorosa defensora já entrou com uma ação pedindo que o Estado providencie a interrupção da gravidez; no entanto, não conseguiu a informação sobre quais hospitais em Minas Gerais são credenciados para tanto. Cadê o governador de Minas Gerais? Até 2010 havia lista pública de serviços de aborto prevista em lei no Brasil, mas um ministro fundamentalista proibiu a divulgação dela! Só sabemos que são 65 serviços e a lista sumiu!

A terceira miséria foi o chamado nem tanto subliminar do atual presidente da República à formação das fiscais de Temer, ao dizer: "Ninguém melhor

do que a mulher para indicar desajustes de preços no supermercado", em meio a um discurso das entranhas da Idade Média, bem ao estilo família "comercial de margarina", ignorando as novas configurações familiares no Brasil, onde 40% dos domicílios têm mulheres como pessoas de referência, conforme a pesquisa "Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça", do Ipea. "Tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, do quanto a mulher faz pela casa, pelo lar. Do que faz pelos filhos..." Ninguém merece ser reduzida ao papel de mulher-mala, aquela cujo valor divino são os rebentos que pode carregar na barriga!

É um atraso que padrões culturais retrógrados dominem mentes que têm poder e que, por dever de ofício, deveriam estar em sintonia com a peleja "por um mundo de igualdade contra todas as opressões".

DUKE

